

A MEMÓRIA ENTRE A CIÊNCIA PSICOLÓGICA E A FILOSOFIA: CONHECIMENTOS E REFLEXÕES

Débora Araújo De Medeiros

Discente do curso de Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Terezinha (FCST)

Jardielly Faria De Araújo

Discente do curso de Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Terezinha (FCST)

Jardson Araujo Ramalho

Docente do curso de Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Terezinha (FCST)

Jaylane Maria De Oliveira Medeiros

Docente do curso de Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Terezinha (FCST)

RESUMO: A memória é um processo cognitivo que permite que o ser humano possa armazenar, conservar e recuperar informações ao longo do tempo, sendo fundamental para a formação da identidade e da compreensão do mundo. O presente artigo trata de aspectos da memória humana, trazendo a sua definição e reflexões com base na teoria de Izquierdo (1989), onde ele trata a memória como senso da história e da identidade do indivíduo, além disso, descreve-se as etapas de formação da memória. Este trabalho traz a importância da memória na manutenção da identidade. Para elaboração deste trabalho, realizou-se uma revisão da literatura à cerca de estudos contemporâneos que tratam sobre a temática investigada. A partir das pesquisas realizadas foi possível concluir que a memória é um processo dinâmico que vai além do simples armazenamento de informações, ela é fundamental para a existência humana, construindo nossa percepção do mundo e de nós mesmos.

Palavras-chave: Identidade. Memória. Psicologia.

1. INTRODUÇÃO:

A memória é um processo cognitivo fundamental que permite a nós, seres humanos, armazenar, conservar e recuperar informações ao longo do tempo, desempenhando um papel central na forma como percebemos e interpretamos o mundo. Ela não só permite armazenar e recuperar informações, mas é necessária também na formação da identidade.

Este é um processo cognitivo básico da nossa experiência subjetiva e da nossa compreensão do mundo, influenciando autopercepção e as conexões que estabelecemos com os outros. Este artigo, tem como objetivo geral compreender a complexidade da memória humana, analisando seus mecanismos de formação, consolidação, evocação e extinção, refletindo sobre seu papel na construção da identidade pessoal e coletiva.

O trabalho justifica-se pela importância dos estudos acerca dos processos psicológicos básicos -PPB, sobretudo da memória, compreendendo que não se trata apenas da cognição humana, mas que relaciona-se com outros aspectos do âmbito pessoal e social.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa fundamenta-se em uma abordagem teórico-metodológica do interacionismo simbólico baseada em revisões bibliográficas abrangentes. Para tanto, foram analisados diversos artigos sobre Memórias humana, identidade pessoal e coletiva, bem como conceitos filosóficos e psicológicos. Entre as principais fontes consultadas, Halbwachs (2006), Mead (2010), Izquierdo (2018) e Medeiros (2016). Essa análise permitiu identificar e investigar os aspectos da memória entendendo a complexidade da memória humana.

3. OBJETIVOS DA PESQUISA

3.1 Geral

Compreender a complexidade da memória humana, analisando seus mecanismos de formação, consolidação, evocação e extinção, refletindo sobre seu papel na construção da identidade pessoal e coletiva.

3.2 Específico

- Definir a importância da memória.
- Refletir sobre o papel na construção da identidade coletiva e individual a partir da construção de narrativas pessoais.
- Descrever as etapas de formação das memórias, incluindo aquisição, consolidação e evocação.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

4.1 Memória: conceito e reflexões

A memória é um dos processos cognitivos básicos da mente humana, sendo fundamental à vida pois permite que os indivíduos possam armazenar, conservar e

recuperar suas experiências. Segundo Izquierdo (2018), a memória pode ser descrita como a "capacidade de formação, conservação e evocação de informações".

Essa definição abrange três aspectos fundamentais do funcionamento da memória: a formação, que diz respeito ao processo de registrar experiências e conhecimentos; a conservação, que se refere à capacidade de manter essas informações ao longo do tempo; e a evocação, que é a habilidade de acessar e recuperar essas recordações quando necessário.

Essa tríade destaca o papel ativo da memória não apenas como um repositório passivo de dados, mas como um mecanismo dinâmico que constrói nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

A formação de memórias envolve a assimilação de informações que, por meio de experiências vividas, se entrelaçam com emoções e contextos, tornando-se parte integrante da nossa identidade. A conservação é igualmente importante, pois garante que essas experiências e conhecimentos não se percam com o tempo, permitindo que construamos uma continuidade em nossas vidas. Já a evocação é o que nos permite conectar o passado ao presente, trazendo à tona lembranças que influenciam nossas decisões, sentimentos e relacionamentos.

Para Izquierdo (2018), a memória é ainda um conceito fundamental na psicologia e neurociência, sendo definida como a capacidade de armazenar e recuperar informações. Desse modo ela se revela como um elemento essencial na construção da narrativa pessoal, onde cada informação recuperada contribui para a formação de quem somos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

Assim, a memória não é apenas uma capacidade cognitiva, mas uma parte da experiência humana que nos permite navegar pelas complexidades da vida. Para Medeiros (2016, p.145)

A memória pode ser compreendida com o que se conserva na memória experiencial, uma faculdade da memória; para Platão lembranças de que a alma contempla, a partir de Mead do processo de evocação das experiências sociais incorporadas e Platão e Paul Ricoeur pela capacidade da memória, de tornar presente uma coisa ausente. Assim, utilizando essas concepções do potencial de evocação do indivíduo, para o autor, presença e ausência, anterioridade, representação, formam a primeiríssima cadeia conceitual do discurso da memória e essa ocorre por reminiscências.

Essa relação entre memórias individuais e coletivas se torna ainda mais rica quando consideramos que as experiências são constantemente entrelaçadas com as dos outros. Ao compartilhar histórias, criamos um tecido social que fortalece nossa compreensão de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. Assim como as árvores que se entrelaçam em um bosque, nossas memórias se entrelaçam, formando uma rede de significados que nos sustenta.

A importância da memória se estende a várias dimensões da experiência humana, influenciando não apenas a identidade pessoal, mas também as interações sociais e a construção de significados. Ela engloba na formação da identidade, tanto pessoal quanto coletiva.

Izquierdo (1989) enfatiza a relevância da memória em nossa vida cotidiana. A memória é um dos pilares fundamentais da experiência humana, construindo nossa identidade e influenciando nossas emoções. É através dela que construímos narrativas sobre quem somos, conectando-nos com o passado e dando sentido aos momentos vividos.

No entanto, a memória não é um processo linear; ela é repleta de nuances, fragilidades e contradições, que podem ser percebidas como descreve o poeta Carlos Drummond de Andrade, em seu poema "Memória" a seguir.

Memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.
Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.
As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.
Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

(Carlos Drummond de Andrade)

Ao afirmar que "as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão", Drummond evoca a ideia de que, mesmo diante da inevitabilidade do esquecimento, as lembranças têm um valor específico que transcende o tempo.

Para Izquierdo (2018, p. 13): "somos aquilo que recordamos", e nesse sentido, a essência de cada indivíduo é construída pelo vasto acervo de suas memórias. Cada lembrança, como uma peça de um mosaico, contribui para a singularidade do ser humano.

Para entender melhor essa questão da memória, podemos ver Halbwachs (2006) que diz:

[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (Halbwachs, 2006, p. 68).

Cada indivíduo, ao recordar, traz à tona uma interpretação única da memória coletiva, construída por seu contexto social e suas relações sociais. Assim, as memórias não são apenas resquícios do passado, mas também reflexos de como nos situamos em relação ao grupo e aos ambientes que nos cercam. Essa dinâmica entre memória individual e coletiva revela a complexidade das lembranças e sua importância na construção da identidade social.

As experiências vividas, imersas em contextos particulares e afetos diversos, entrelaçam-se para formar a personalidade. Assim, a memória não é apenas um repositório de eventos passados, mas um elemento constitutivo da identidade, onde cada fragmento rememorado ressoa na construção de quem somos.

Desse modo, a memória tem a sua importância não apenas com base no armazenamento de informações, mas também na subjetividade e na identidade humana, assim como afirma Pollack a seguir.

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de

continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK, 1992, p. 5).

Assim, a memória transcende a mera recordação: ela é um elemento dinâmico que nos permite navegar pelas complexidades da experiência humana, conferindo significado às nossas vidas e às nossas relações. Ao refletirmos sobre o papel da memória em nossa identidade, percebemos que somos, de fato, construídos por aquilo que lembramos, e que essas lembranças são fundamentais para a construção de uma narrativa que nos define e nos conecta aos outros.

Ainda para Izquierdo (2018), a memória nos convida a refletir sobre a sua complexidade e a funcionalidade, como pode ser percebido a seguir:

"Memoria são as ruínas de Roma, as ruínas de nosso passado; memória tem o sistema imunológico, uma mola e um computador. Memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro de quem sou)" (IZQUERDO, 2018, p. 89).

Ao comparar a memória às ruínas de Roma, o autor evoca a ideia de que as recordações são fragmentos de um passado que, embora possa parecer desvanecido, ainda carrega em si a grandeza de experiências vividas e aprendizados adquiridos. Assim como as ruínas contam a história de uma civilização, nossas memórias revelam a narrativa de nossas vidas, construindo nossa identidade e o entendimento de nós mesmos.

A memória, descrita como um sistema imunológico, sugere que ela nos protege, permitindo-nos aprender com os erros e preservar o que é essencial para nossa sobrevivência emocional e psicológica.

A analogia da mola implica que a memória nos impulsiona, atuando como um mecanismo que nos fornece a força necessária para avançar e enfrentar novos desafios. Ao ser comparada a um computador, a memória se revela como um arquivo, onde guardamos informações, sentimentos e experiências que podem ser acessados e reprocessados a qualquer momento.

Nesse contexto, podemos afirmar que a memória não é apenas um repositório estático, mas um elemento dinâmico que entrelaça nosso senso histórico e nossa identidade pessoal.

Ao afirmar "sou quem sou porque me lembro de quem sou", exprime a ideia de que a memória é fundamental para a construção do *Self*, pois é através das lembranças que tecemos nosso lugar no mundo e damos sentido à nossa existência. Assim, a memória se torna um pilar essencial da experiência humana, conectando passado, presente e futuro em uma contínua busca por significado.

4.2 A importância da memória e suas etapas de formação: aquisição, consolidação, evocação.

Vimos que a memória é um dos processos que fazem parte da vida humana, a formação delas é um fenômeno complexo que envolve processos cognitivos e neurobiológicos. Para compreendê-la de maneira mais profunda, autores como Dalgalarondo (2008) e Mourão Júnior e Faria (2015), denominaram três etapas da formação da memória: aquisição, consolidação e evocação.

A etapa de aquisição, é o primeiro passo no processo de formação da memória, onde as informações são inicialmente recebidas e registradas. Durante a aquisição, os estímulos sensoriais são transformados em representações mentais.

Segundo Dalgalarondo (2008) e Mourão Júnior e Faria (2015), a atenção desempenha um papel muito importante nesse estágio, pois a capacidade de focar em informações relevantes aumenta a probabilidade de que essas informações sejam armazenadas. A aquisição é influenciada por fatores como a motivação, o contexto e a relevância emocional do material a ser lembrado.

Após a aquisição, as memórias precisam ser consolidadas para se tornarem estáveis e duradouras. Este processo envolve a transformação das memórias de um estado vulnerável para um estado mais robusto, onde elas podem ser armazenadas a longo prazo.

No processo de consolidação o sono desempenha um papel fundamental, pois é durante esse período que muitas memórias são processadas e integradas, permitindo que se tornem parte do nosso conhecimento e experiência.

Já a evocação é a etapa pelo qual as memórias são recuperadas e trazidas à consciência. Este processo pode ser influenciado por diversos fatores, incluindo pistas contextuais e emocionais que ajudam a acessar as memórias armazenadas.

A evocação pode ser intencional, como quando tentamos lembrar de um fato específico, ou involuntária, como quando uma lembrança surge espontaneamente. A eficácia da evocação é importante na prática psicológica, pois muitas intervenções terapêuticas dependem da capacidade do paciente de acessar e reprocessar memórias relevantes para seu tratamento.

A evocação de memórias, seja ela intencional ou espontânea, é um processo fundamental para a compreensão da experiência humana. Na prática psicológica, a capacidade de acessar e reprocessar memórias é importante para o sucesso de diversas intervenções. A partir da perspectiva de George Herbert Mead, a memória não é apenas um registro de fatos passados, mas sim um construto social que constrói nossa percepção da realidade e influencia nossas interações com o mundo. Segundo Mead (2010):

Posições diferentes levarão a diferentes experiências, no que tange a um objeto - como uma moeda, por exemplo - colocada em certo local. Há outros fenômenos que dependem da natureza do olho ou o seu efeito de experiências passadas. O modo como essa moeda é vivenciada depende das experiências passadas que podem ter ocorrido com as pessoas. A moeda é diferente de uma pessoa para outra; no entanto, essa moeda está ali como entidade em si. Queremos ser capazes de lidar com essas diferenças espaciais de perspectivas entre os indivíduos. Algo ainda mais importante do ponto de vista psicológico é a perspectiva da memória, por meio da qual uma pessoa enxerga uma moeda, e outra pessoa, outra moeda (Mead, 2010, p. 42-43).

Mead (2010) argumenta que a mesma experiência pode ser vivenciada de maneiras distintas por diferentes indivíduos, dependendo de suas experiências passadas e de suas perspectivas únicas. Essa ideia é fundamental para entendermos como a memória influencia nossa subjetividade. Ao nos conectarmos com uma mesma lembrança, cada um de nós a reinterpreta à luz de nossas próprias histórias e valores, construindo assim uma narrativa única.

A importância da memória para o desenvolvimento do sujeito, segundo Mead, as interações sociais que temos com o mundo ao nosso redor, desde a infância até a idade

adulta, deixam marcas em nossa mente que influenciam nossas crenças, valores e comportamentos. Conforme Epicteto (1991, p.14) “Os homens são movidos e perturbados não pelas coisas, mas pelas opiniões que eles têm delas.” não são os eventos em si que nos perturbam, mas as opiniões que formamos a respeito deles. Ao lembrar de um fracasso passado, por exemplo, podemos sentir vergonha e desânimo, mesmo que a situação tenha ocorrido há muito tempo. Essa interpretação negativa do evento influencia nossa autoestima e pode afetar nossas relações interpessoais.

É através da memória que construímos nossa identidade e estabelecemos nossas relações sociais. É importante buscar ajudar as pessoas a identificar e modificar essas interpretações distorcidas, promovendo assim mudanças positivas em suas emoções e comportamentos.

Em resumo, essas teorias sobre a memória oferece uma perspectiva valiosa para a compreensão da subjetividade. Ao reconhecer que a memória é um construto social e que cada indivíduo constrói sua própria realidade a partir de suas experiências, os psicólogos podem desenvolver intervenções mais eficazes e personalizadas para promover o bem-estar de seus pacientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao correlacionar a psicologia e a filosofia, este artigo aborda sobre a memória, trazendo a sua definição, complexidade e a importância da memória na experiência humana e no conhecimento de “quem sou”, uma vez que ela faz parte dos processos psicológicos humanos que estão presentes no cotidiano, trazendo a construção da conduta individual e coletiva. experiências, através do senso histórico e a construção da nossa identidade. Desvendou-se que os processos de aquisição, consolidação e evocação, são aspectos que contribuem para a compreensão de como a memória funciona, na edificação do processo cognitivo.

Pode-se discutir que a memória vai além do armazenamento das informações, conservação e recuperação. A partir desse PPB, estruturamos todas as nossas. Em última análise, este estudo representa um passo importante para uma compreensão mais profunda

da mente humana e para o desenvolvimento de intervenções que promovam o bem-estar individual e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DALGALARRONDO, P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2008.

Epictetus: Enchiridion. Translated by George Long. Amherst, NY, Prometheus Books, 1991.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Tradução: Beatriz Sidou – São Paulo: Centauro, 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Memória**. Postado no dia 25 de jun. de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QKPetLs56zM>. Acesso em: 10 nov. 2024.

IZQUERDO, I. Memória. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2018.

IZQUERDO, I. Memórias. Estudos Avançados, v. 3, n. 6, p. 89-112, 1989.

MEAD, G. H. Mente, self e sociedade. MORRIS, C. W. (Org.); Tradução de Maria Silva Mourão. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

MEDEIROS, Shirlene Santos Mafra. Memórias e identidade social da formação docente em Rio de Contas- BA, nas décadas de 1920 a 1960: reminiscências das educadoras e educadores de cátedra à universidade. / Shirlene Santos Mafra Medeiros, 2016.

MOREIRA, C. Neurónio. Revista de Ciência Elementar, v. 1, n. 1, out./dez. 2013.

MOURÃO JÚNIOR, C. A.; FARIA, N. C. Memória. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 28, n. 4, out./dez. 2015.

POLLACK, M. Memória e identidade social. Estudos Históricos: teoria e história, v. 5, n. 10, p. 131-133, jul. 1992.